

Vilma

Rodrigo Naves

O texto se chama “Bravata”. E também é isso, não fosse bem mais: *Trato saudade ou depressão a tapa./ É preciso chicotear essas vadias*¹. Posso me equivocar – minha amiga tem uma mobilidade que parece condenar a isso –, mas penso que Vilma Arêas está quase toda nessas frases. Poucas vezes conheci alguém tão pouco afeita à autopiedade. Ela de fato achibata aquelas vadias. E assim revela um outro traço marcante de sua personalidade: a irreverência diante dos juízos vigentes, porque afinal existem vadias, e onde menos esperamos – em nós mesmos.

Não é fácil falar de uma pessoa tão querida e ao mesmo tempo tão soberana. Poderia citar algumas de suas frases memoráveis, que têm a sua cara:

– Meu pai acertou o meu despertador, e pronto! [Quando acorda *muito* tarde, Vilma levanta às 7 horas. Em geral, seu horário fica entre 4 e 5 da madrugada.]

– Tem umas que parecem duas.

– Ela era tão negra que dava vontade de mergulhar nela.

– Só guardo o que me interessa.

– Ando com uma saudade danada do Fausto. [Fausto Cupertino, morto em 1984, foi seu segundo marido e grande amor.]

No entanto, Vilma não é uma frasista, ainda que suas convicções firmes e seu talento verbal algumas vezes conduzam a isso. Mas de certa maneira ela tem, no jeito de viver, a *forma* dessas afirmações agudas. Não é dada a rodeios, a meias-palavras ou insinuações. Esse lado sintético de seu comportamento também se explica pela pouca importância que dá àquilo que pensam dela. Não é preciso falar muito – ainda que goste de falar –, já que quase não há o que corrigir ou voltar. Contudo, ter opiniões fortes não significa aqui ortodoxia ou sectarismo. Ao contrário, apenas a coragem ou a necessidade de tomar posição incessantemente, ainda que para pô-la de lado mais tarde. E por isso há algo de vertiginoso em minha amiga, um equilíbrio instável de quem precisa recriar o próprio passo a todo instante, pois não convém dar por certo nem as próprias pernas.

Erraria porém quem visse aí um ceticismo *blasé*, de quem acha que ao fim tudo não passa de vãs conquistas. Poucas vezes conheci alguém tão desarmada, tão aberta às formulações alheias quanto Vilma. Em meio à conferência de alguém que ouve pela primeira vez é capaz de sacar um caderninho e tomar notas, como se fosse uma estudante, o que de certo modo ainda parece ser. No entanto, despertar o seu interesse tem lá suas dificuldades. Vilma tende a considerar as opiniões *junto* com quem as emite e da maneira que as emite. Certas afirmações só devem ser pronunciadas por quem adquiriu o direito e o modo de afirmá-las, possibilitando ao interlocutor uma *experiência* do que diz.

Isso talvez ajude a entender sua admiração e sua amizade por Decio de Almeida Prado, uma pessoa em muitos sentidos bastante diferente de Vilma Arêas. A elegância do professor Decio – tanto em seus escritos quanto em suas atitudes – se baseava em sua capacidade de tratar pessoas ou obras de arte com uma *consideração* que o impedia de

perdê-los de vista, ainda que por um breve instante. Compreender uma peça de teatro, um amigo ou uma partida de futebol pressupunha trazê-los para mais perto, por meio de uma análise que, ao fim, nos pusesse novamente em contato com a experiência que haviam propiciado, agora com a compreensão de seus procedimentos. O tom meio coloquial de seus ensaios provavelmente deriva dessa atitude, de quem ao conversar nunca perde de vista o interlocutor, ainda que ele seja o time do São Paulo.

Não quero forçar muito a nota, mas penso que vem em parte de aspectos semelhantes o interesse de Vilma pela literatura de Clarice Lispector. Não digo isso no sentido de poder haver na escritora uma autenticidade renhida, uma proximidade entre sua figura pública e sua literatura. Penso antes numa espécie de intensa exposição ao mundo, uma fragilidade voluntária que nasce da recusa à proteção de crenças e abstinências. E retomar – como retomou em *Com a ponta dos dedos* – a interpretação de Clarice Lispector justamente por obras consideradas menores supunha reafirmar essa fragilidade em seu sentido mais amplo, ali onde nem mesmo a consagração crítica a livraria da pressão da realidade.

Por muito tempo Vilma, Nilza e eu caminhamos nas manhãs de domingo pelas ruas do nosso bairro. Tornamo-nos próximos de duas criaturas notáveis da região, dois moradores de rua muito diferentes um do outro: Sebastião Palermo e Marthia Pasquali. Sebastião é mais lírico e filosófico, embora por vezes beba epicamente. Certa vez apareceu com a perna engessada e à nossa pergunta de por que havia sido agredido, respondeu sem trisicar:

– Inveja.

Desnecessário dizer que sua afirmação nos fez ganhar o dia. Mas a Vilma o que encantava em Sebastião era o seu palavreado escorreito, meio dissonante naquela figura maltrapilha. Um dia, perguntado se o afeto de seu cachorro superava o dos humanos, saiu-se com um direto:

– Indiscutivelmente.

Até hoje Vilma repete a frase de Sebastião. Interessou-lhe. Marthia, por sua vez, é uma figura mais agressiva. Passa as manhãs escrevendo frases em folhas de sulfite que depois amarra em árvores ou prega em muros. Se provocada, desfia aos berros os piores palavrões, capazes de fazer corar um delegado de polícia. Aos poucos ganhamos sua confiança. Ela nos conhece pelo nome, trata-nos de “queridos” e se preocupa com nossa saúde. Vilma acha que a loucura de Marthia provém de violência – espancamento ou estupro. Eu não tenho opinião formada.

Menciono seu interesse por esses personagens perdidos porque acredito que ele diz muito sobre minha amiga. Não vejo aí as razões do poeta (*e hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu*), tampouco compaixão ou dó. Talvez, como diria Sebastião, uma pontinha de inveja, pois a ela encanta o absoluto descompromisso deles com todas as boas normas da vida e um desprendimento digno da figura dos filósofos-mendigos, como Diógenes.

Vilma defende as classes subalternas incondicionalmente, ao mesmo tempo que se desdobra para ajudar àqueles que quer bem, dos porteiros do prédio em que mora a seus familiares. Não vê sentido em prisões ou punições aos mais pobres, mesmo que

cometam crimes. Não acredita no mal, mas não pouparia Hitler de alguns corretivos desagradáveis. Incontáveis vezes batemos boca por esses motivos. Fausto Cupertino a considerava uma anarquista pequeno-burguesa. Pode ser. É raro porém ver pequenos-burgueses levar tão longe suas convicções. Sebastião Palermo acha que saiu pelo mundo com uns 11 anos porque assim quis o destino. Vilma Arêas talvez lamente a sorte diferente que lhe coube – ainda que por anos não tenha estado muito longe dele. Acredito que não amaldiçoaria o destino se acabasse com muito pouco.

Sempre foi uma intelectual rigorosa e aberta às produções avançadas, seja em que área for. Também aí corre riscos, faz apostas e se empenha. Acompanha seus orientandos de forma exemplar. Capricha em suas aulas. E pode dançar todo um fim de noite apenas na companhia de sua máquina de lavar. Tem uma energia de adolescente, não esconde a idade que tem, embora suspeite que minta para cima. Por vezes fica *meio enjoada* e evita a companhia dos amigos. Mas logo chicoteia as vadias e volta ao convívio com a energia de sempre. No fundo, acho que só lamenta a perda de Fausto. Adotou como lema uma frase de que o ex-companheiro gostava muito: *Calma e sofreguidão*. Frequentemente embaralha a ordem das palavras do dístico e torna-se serena em meio à tempestade, inquieta na calmaria.

Nota

1 Arêas, Vilma. *Trouxa frouxa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 41.